

A guerra, a paz e o sexo: os discursos por trás das escavações de Pompéia.

Marina Regis Cavicchioli – PPG-UNICAMP

Quando se fala em Antigüidade clássica, muito se pensa sobre os discursos que surgiram no passado e que seguem fortes até a atualidade. No entanto, ainda que muitos discursos da sociedade ocidental contemporânea tenham sido criados na Antigüidade e por isto sejamos seus herdeiros, temos que lembrar que os discursos sobre a Antigüidade fomos nós contemporâneos que criamos e, assim, ao fazermos História, introduzimos nossa visão no passado, utilizamos conceitos nossos, para tratar de realidades antigas e diversas das nossas. A História não é um mero relato do passado, mas o relato de um determinado tipo de passado: selecionado e reconstruído pelo historiador. Cada pesquisador faz sua opção subjetiva e, na maior parte das vezes, política. Política ao dar voz a temas considerados por eles relevantes, e excluir outros que consideram menos prioritários.

A Arqueologia e História do mundo romano tiveram um papel muito forte dentro da construção de conceitos de identidade nacionais e da idéia de herança culturalⁱ. Sobretudo, buscou-se ressaltar o passado romano em sua expansão territorial, seu imperialismo, sua força bélica, sua literatura, suas construções e sua arte: cada um destes temas foi mais ou menos privilegiado em virtude do momento histórico em que este passado era reclamado. Cada época, baseada em valores de seu momento presente, tentou resgatar um determinado tipo de passado de acordo com suas necessidades identitárias, buscando estabelecer as idéias de herança cultural e continuidade histórica. Como nos aponta Hingley: “O sentido de pertencimento é vital para uma definição própria de identidade nacional e a ligação de identidades étnicas a certos tipos de evidências arqueológicas tornou-se um instrumento poderoso na Inglaterra como em vários países europeus.”ⁱⁱ

Tal fato nos leva à indagação de que a idéia de herança cultural romana, tão cara a correntes de arqueólogos mediterrâneos, pode ser em, grande medida, uma herança do presente sobre o presente, usado o passado como instrumento de justificativa de ideologias contemporâneas.

Foi desta forma que, por muitas vezes, o mundo contemporâneo ressaltou a antiguidade romana, em seu caráter belicista e imperialista, na qual a guerra superou todos os outros lados da vida quotidiana. Neste contexto, o espaço da guerra foi construído como um espaço masculino, subtraíndo as mulheres desta história romana, ou apontando-as como manipuladoras e traidoras dentro deste cenário.

Assim, em períodos de guerra, buscou-se ressaltar a idéia de herança cultural imperialista deixada pelos romanos. Não apenas nos discursos políticos, mas nas atitudes políticas e intelectuais que influenciaram o curso e o desenvolvimento de disciplinas como a Arqueologia e a História. Se tomarmos como exemplo o caso de Pompéia poderemos perceber tais influências.

Pompéia foi, em 79 d.C., soterrada pelas lavas e cinzas expelidas pela erupção do Vulcão Vesúvio. Isso fez com que a cidade e toda sua cultura material fossem preservadas até o início das escavações em 1748, sem sofrer as modificações que as transformações culturais ocorridas ao longo dos séculos poderiam impor-lhe. Inicialmente (1748-1765), as escavações tiveram como objetivo e prática o recolhimento dos materiais considerados objetos de arte, incluindo-se aqui as pinturas parietais e algumas estruturas arquitetônicas, sem que fosse identificada a localização original destasⁱⁱⁱ. Esses materiais eram selecionados do seguinte modo: os considerados preciosos fariam parte da coleção privada do rei de Nápoles (Carlo III ou Carlos de Bourbon), e os outros, classificados como de pouca importância, deveriam ser destruídos para que não caíssem “em mãos erradas”^{iv}. Os poucos diários de escavações preservados deste período e a documentação em geral, constituíam-se, sobretudo, de anotações referentes aos valores econômicos das peças encontradas^v. O passado, neste caso, era pensado em função dos valores estéticos da nobreza

napolitana daquele período. Buscando uma reconstrução homogênea de passado, destruíam-se os materiais arqueológicos que poderiam servir para a reconstrução de um outro tipo de passado, que não caberia nos valores dominantes.

Nos primeiros anos de escavação o trabalho era dirigido por militares^{vi}, pois a Arqueologia como uma disciplina investigativa com métodos e técnicas ainda não existia, e assim, não havia tampouco arqueólogos. Neste contexto, parece-nos interessante pensar, como a retirada dos objetos era feita como se estes fossem despojos de guerra (*opima spolia*), retirava-se aquilo que serviria de adereço ou ornamento aos reinantes e ao poder, sem que houvesse interesse em se pensar uma outra cultura ou uma outra população. Não havia preocupação ou cuidado com preservação da cidade.

No entanto, a retirada de grandes estruturas, com o recobrimento do local, e a falta de cuidados específicos com a preservação da cidade, causou muita polêmica, pois, embora não existissem arqueólogos ou mesmo historiadores - nos moldes de cientistas, como seriam pensados de pois - havia especialistas em antiquária (especialistas nos estudos de objetos antigos), e alguns destes como J. Winckelmann, críticos da conduta de retirada de materiais, consideravam que Pompéia tinha mais a oferecer do que objetos decorativos, para eles toda a cidade poderia servir para a descoberta de um passado^{vii}. Desta forma, a prática, própria da época, do colecionismo -que consistia em colecionar objetos artísticos ou exóticos- foi trocada por um outro tipo de conduta mais cuidadosa com a preservação da cidade. Assim, em 1764, F. de la Vega tornou-se diretor das escavações de Pompéia^{viii} e passou a fazer uso de procedimentos diferentes daqueles anteriormente adotados. Havendo uma maior preocupação com a conservação da cidade, evitou-se a retirada das estruturas arquitetônicas e o principal objetivo das escavações passou a ser a exposição das estruturas como casas, templos e lojas^{ix} o que contribuía também para as visitas ao sítio^x

No entanto, foi durante o período de domínio francês (1799-1815), quando houve um grande impulso nas escavações de Pompéia. Principalmente durante o reinado de Joaquim Murat, quando a esposa dele, Carolina Murat –que além de esposa de Joaquim Murat era, também, irmã do então Imperador Napoleão Bonaparte– demonstrou muito interesse nas escavações, implantando um ambicioso projeto: decidiu-se pela expropriação dos terrenos pertencentes a particulares, fazendo com que toda a cidade dentro dos muros e uma área ao redor passasse ao Estado, para que assim se pudesse conduzir as escavações sobre toda a cidade. A idéia de Carolina Murat era a de que, em poucos anos, toda a Pompéia fosse escavada, e que fosse criado um itinerário para os visitantes; para tanto disponibilizou muito dinheiro e muitos trabalhadores, que eram em sua maioria militares ^{xi}. Embora tenha havido muito empenho, chegando-se a ter mais de 1500 operários trabalhando nas escavações, estas não foram terminadas - no entanto, as expropriações foram levadas a cabo. Além disso, Carolina Murat parece ter sido muito importante na divulgação dos resultados das escavações, seja em cartas para personalidades de toda a Europa, no favorecimento da impressão de guias ou possibilitando a elaboração das obras que representavam uma *summa* das escavações realizadas no período anterior ^{xii}. O empenho em ampliar as escavações da cidade, na divulgação dos resultados e de guias da cidade, na criação de itinerários de visitação, e na preservação de documentos sobre as escavações anteriores, parece demonstrar um interesse não apenas nas peç as e objetos em si, mas em toda a reconstituic o de uma história. Neste sentido, talvez não seja infundado supor que havia uma relação entre as escavações de Pompéia e a preocupação com a reconstruic o de um determinado tipo de passado, que pudesse buscar alguma identidade entre os imperialismos romano e Francês, ainda que devamos lembrar que o próprio termo imperialismo   de uso tardio no século XIX.

Com o retorno da dinastia dos Bourbons, em um período em que a idéia de império não está tão forte, o interesse e empenho nas escavações por partes dos reis

diminui. É, contudo, no processo de unificação italiana que Pompéia volta a ser alvo de grande interesse tendo, pois, suas escavações feitas de forma sistemática. Assim, sob a idéia de um povo único: o romano -que então seria retomado na forma do povo italiano- é que Pompéia, agora orgulho nacional, se convertia em “ *el escaparate del nuevo reino*”^{xiii}.

Nos anos 1920 há uma retomada das pesquisas e escavações com novas idéias e ideologias ^{xiv}. Neste momento destaca-se como superintendente de Pompéia uma grande figura da Arqueologia italiana do século XX: Amedeo Maiuri ^{xv} Maiuri ocupou este cargo de 1924 a 1961, e sua atuação é bastante polêmica até os dias de hoje. Em primeiro lugar, porque seus trabalhos se desenvolveram, de início, no contexto do Fascismo, em um momento, portanto, de exacerbado sentimento nacionalista no país^{xvi}. Assim, nos parece bastante lógico acreditar que ali se construía uma Arqueologia inserida na ideologia fascista, já que ela contava com grande apoio do regime. Maiuri é conhecido por seu dinamismo e capacitação como arqueólogo, o que o levou desenvolver intensas atividades de escavação na cidade. Todavia, Nappo acredita que algumas escavações foram conduzidas e restauradas de maneira inadequada, o que levou à sua rápida deterioração ^{xvii}. Talvez isto tenha se dado por uma vontade de escavar e de tornar visível uma maior quantidade de material, lembrando que Pompéia era orgulho nacional, e suas novas descobertas eram muito bem acolhidas. Maiuri também foi responsável pela grande divulgação das novas descobertas, dos trabalhos e pesquisas sobre a cidade, ainda que as mais conhecidas sejam publicações não científicas^{xviii}. Maiuri introduziu de forma sistemáticas as escavações abaixo do nível 79 - nível estratigráfico em que se encontrava a cidade no momento da erupção do Vesúvio em 79 d.C., no qual, se detecta, sobretudo, a presença romana. Abaixo deste nível pode-se demonstrar a presença de outros povos anteriores aos romanos. Isto nos leva a pensar o quanto essas novas análises, que traziam no seu bojo a idéia de supremacia dos romanos sobre outros povos, se encaixam muito bem na doutrina imperialista do fascismo, pois compartilha com o

fascismo a idéia de uma cultura superior se sobrepondo a outras culturas e levando a elas a civilização – lembrando que a civilização era tida como algo que poderia ser transferido^{xxix}, justificando assim, a idéia do colonialismo e imperialismo.

Embora durante a segunda guerra mundial as escavações tenham sido paralisadas e a cidade bombardeada, de um modo geral, pode-se dizer que Pompéia recebeu grande ajuda do regime^{xx}. Naquele momento de forte nacionalismo e de uma doutrina ideológica fascista que buscava seus pontos de identidade com os antigos romanos, estas novas descobertas eram muito enfatizadas. Cabe ressaltar, que nos anos 1930, a História de Roma era interpretada pela maior parte dos classicistas italianos à luz da política fascista e mais do que tudo, fornecendo a ela elementos de propaganda^{xxi}, sendo que, o próprio Mussolini fez visitas oficiais a cidade^{xxii}.

Porém, é importante ressaltar que arqueólogos e historiadores clacissistas mais do que pensar que estavam reconstruindo um determinado tipo de passado, se consideraram em uma posição privilegiada por estudarem a cultura romana, acreditando que com isto estariam contribuindo para a compreensão dos padrões culturais da civilização ocidental. Contudo, o que fizeram foi categorizar e discutir os objetos partindo de noções ocidentais contemporâneas e masculinas^{xxiii}. Deste modo, essa civilização romana imperialista, e belicista, ou a idéia de um único povo unido e homogêneo, são construções de um mundo romano que merecem ser relativizadas.. Sem dúvidas houve muitas batalhas e guerras, no entanto, ao mesmo tempo em que Roma celebrava a guerra e as conquistas, celebrava também a vida, representada na forma da fertilidade e da sexualidade. Ao mesmo tempo em que Marte, deus da guerra era cultuado, Vênus e Priapo também o eram, havendo, ainda, uma representação em que a deusa pacífica Marte com o amor^{xxiv}. Ao lado de tumbas eram colocados falos como força regenerativa, assim como estes eram colocados nos muros e paredes das cidades, pois seu caráter fértil lhe atribuía também um caráter apotropaico. Atos sexuais eram pintados nas paredes das casas, assim como, em termas, lupanares e em objetos (como *lesbes*) utilizados em culto aos deuses. Seres mitológicos eram

representados praticando atos sexuais e, muitas por vezes, divindades eram representadas com grandes falos. Todavia, este caráter não foi recuperado: ao longo da história das escavações de Pompéia, as representações fálicas e da sexualidade foram consideradas obscenas e imorais. Foram trancafiadas em salas para que ninguém pudesse ter acesso a elas.

Assim, quando se buscou em Roma a idéia de identidade, ao mesmo tempo em que a sexualidade era vista com preconceitos e tabus, construiu-se um passado assexuado: durante muito tempo, arqueólogos e historiadores da arte excluíram este tema de suas pesquisas. Ao se excluir materiais representantes da sexualidade como fontes de pesquisa, já faziam uma opção de um determinado tipo de passado a ser reconstruindo, lembrando que o discurso histórico começa na seleção e transformação de objetos distribuídos de outras formas em documentos^{xxv}

Foi apenas nas últimas décadas do século passado que a sexualidade acabou entrando em pauta. Tal fato não se deu exclusivamente por uma mudança de olhar em relação á sexualidade, mas a uma mudança de enfoques gerais que a história e as ciências humanas se propunham. Temas como a vida cotidiana e a história das mentalidades vinham ganhando destaque desde o início da escola dos *Annales*. Assim, os sentimentos, a alimentação, as relações de gênero, passaram a fazer parte dos tópicos estudados como temas históricos. Do ponto de vista teórico, novas discussões questionaram o próprio fazer histórico e os significados da história, que dentro das teorias pós-modernas é pensado como um discurso que o presente faz sobre o passado, onde o passado não está pronto para ser desvendado, mas ele é uma construção do historiador, que utiliza seus valores, sua subjetividade e de questões teóricas do seu presente para buscar o seu objeto de pesquisa sobre o passado. Em especial, devemos destacar as teorias feministas e posteriormente as teorias de Gênero, que questionaram a naturalização dos papéis de gênero e da sexualidade, passando a pensá-los como históricos . Desta forma, a sexualidade que havia sido um tema muitas vezes excluído, desconsiderado das pesquisas

históricas e arqueológicas, passou, a fazer parte dos questionamentos. E assim, abriu-se a possibilidade de se construir um passado que possa também celebrar a vida, em oposição a uma história que durante muitos séculos cultuou a morte.

ⁱ HINGLEY, R. “Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa” . In Funari, PPA (org). *Repensando o Mundo Antigo*. Coleção Textos Didáticos. No. 47. Campinas: IFCH, março de 2002, p 28.

ⁱⁱ Idem, pp 30-31.

ⁱⁱⁱ PARSLOW, C. “ The Open-Air Excavations at Pompeii in the Eighteenth-century: New Methods, New Problems”. In Guzzo, PG (Org), *Pompei Scienza e Società*. Milão: Electa, 2001, p19.

^{iv} NAPPO, S. *Pompeii. A Guide to the Ancient City*. Vercelli: White Star, 1998, p16.

^v BERRY, J. *Bajo el Lapilli*. Milão: Electa, 1998, p 18.

^{vi} VARONE, A. “Gli Scavi dal 1748 al 1815.” In D’AMBROSIO, A. *Alla Scoperta di Pompei*. Milão: Electa, 1998, p 7.

^{vii} NAPPO, S. *Pompeii. A Guide to the Ancient City*. Vercelli: White Star, 199, p16.

^{viii} PARSLOW, C. “The Open-Air Excavations at Pompeii in the Eighteenth-century: New Methods, New Problems”. In Guzzo, PG (Org), *Pompei Scienza e Società*. Milão: Electa, 2001, p19.

^{ix} CARANDINI, A. *Archeologia e Cultura Materiale*. Roma: De Donato, 1995, p15.

^x PARSLOW, C. “ The Open-Air Excavations at Pompeii in the Eighteenth-century: New Methods, New Problems”. In Guzzo, PG (Org), *Pompei Scienza e Società*. Milão: Electa, 2001, p20.

^{xi} VARONE, A. “Gli Scavi dal 1748 al 1815.” In D’AMBROSIO, A. *Alla Scoperta di Pompei*. Milão: Electa, 1998, pp 8-9).

^{xii} VARONE, A. “Gli Scavi dal 1748 al 1815.” In D’AMBROSIO, A. *Alla Scoperta di Pompei*. Milão: Electa, 1998, p 9.

^{xiii} BERRY, J. *Bajo el Lapilli*. Milão: Electa, 1998, p 7.

^{xiv} SEILER, F. “ Karl Lehmann-Hartleben e la “ nuova “ ricerca su Pompei” . In Guzzo, PG (Org), *Pompei Scienza e Società*. Milão: Electa, 2001, p 64.

^{xv} ZEVI, F. “Pompei dalla città sannitica alla colonia sillana: per un’interpretazioni dei dati archeologici.” In : *Les élites municipales de l’Italie péninsulaire des Gracques à Néron*. Actes de la table ronde internationale de Clemont- Ferrand, 1991, p 73).

^{xvi} BERRY, J. *Bajo el Lapilli*. Milão: Electa, 1998, p8.

^{xvii} NAPPO, S. *Pompeii. A Guide to the Ancient City*. Vercelli: White Star, 199, p 18..

^{xviii} ZEVI, F. “Pompei dalla città sannitica alla colonia sillana: per un’interpretazioni dei dati archeologici.” In : *Les élites municipales de l’Italie péninsulaire des Gracques à Néron*. Actes de la table ronde internationale de Clemont- Ferrand, 1991, p 74).

^{xix} HINGLEY, R. “ Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa” . In Funari , PPA (org). *Repensando o Mundo Antigo*. Coleção Textos Didáticos. N-o 47. Campinas : IFCH, março, de 2002., p Hingley, 2002, p 34.

^{xx} BERRY, J. *Bajo el Lapilli*. Milão: Electa, 1998, p 8.

^{xxi} CAGNETA, M. *Antichisti e impero facista*. Bari, Dedalo Libri: 1979, p 10.

^{xxii} ZEVI, F. “Pompei dalla città sannitica alla colonia sillana: per un’interpretazioni dei dati archeologici.” In : *Les élites municipales de l’Italie péninsulaire des Gracques à Néron*. Actes de la table ronde internationale de Clemont- Ferrand, 1991, p 73).

^{xxiii} BROWN, S. “Feminist Research in Archaeology: What Does It Mean? Why is It Taking So Long” . In RABINOWITS, N. e RICHLIN, A. *Feminist Theory and the Classics*. New York: Routledge, 1993, p 248.

^{xxiv} VARONE, Antonio. *Erótica Pompeiana*. Roma: L’Erma di Bretschneider: 1994, p196.

^{xxv} DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000, p 30.